

Merenda escolar é aliada contra a crise alimentar

Com o percentual crescente de famílias em insegurança alimentar nos últimos anos e, principalmente, com a COVID-19, a importância da merenda escolar aumentou. Na Capital, segundo a nutricionista-chefe da Semed (Secretaria Municipal de Educação), Michelli Ignácio, a quantidade de merenda feita diariamente teve de ser ampliada para conseguir atender a demanda de crianças que precisam do alimento. **Página A7**

Fome

Insegurança alimentar aumenta importância da merenda escolar na Rede Municipal de Ensino

Segundo análise realizada pela FGV, 36% da população brasileira está nesta situação

Rafaela Alves

Se uma família não tem acesso regular e permanente à alimentação, em quantidade e qualidade adequadas, ela está em situação de insegurança alimentar. Com o percentual crescendo nos últimos anos e, principalmente, com a pandemia da COVID-19, a importância da merenda escolar aumentou. Inclusive, em Campo Grande, segundo a nutricionista-chefe da Semed (Secretaria Municipal de Educação), Michelli Ignácio, a quantidade de merenda feita diariamente teve de ser maior, nessa volta às aulas, depois de dois anos de ensino remoto.

“Depois da pandemia as crianças vieram com mais fome e a gente teve que aumentar a quantidade feita. Inclusive, diretores me ligaram falando que teve que aumentar e que as crianças estão com mais fome. Reflexo da pandemia e reflexo também de ficar em casa e de muitas vezes não ter essa alimentação completa”, explicou.

A equipe de reportagem de *O Estado* foi até a Escola Municipal Fauze Scaff Gattass Filho e acompanhou a distri-



Depois do retorno presencial das aulas, Reme teve de ampliar oferta de merenda

buição da merenda escolar. Segundo o diretor, Jaconias Cardoso, na escola há diversas famílias que estão vivendo em situação de vulnerabilidade e que por isso entende a importância da merenda, tendo em vista que para algumas crianças é a principal refeição do dia.

“Se não a única refeição que essa criança faz no dia. Então nós sempre nos preocupamos com a merenda para que essas crianças tenham essa alimentação rica em nutrientes, sempre seguindo um cardápio que é feito por nutricionista, até mesmo para que essas crianças possam se alimentar pelo menos uma vez ao dia de forma digna.”

“Muito nos alegra, porque assim, é ver a alegria dessa criança quando ela tá comendo. A gente entende que a escola não é só local onde a criança vem pra aprender só pensando no pedagógico e

sim um local onde ela se sente acolhida em todos os aspectos, tanto no quesito de segurança quanto de suas necessidades básicas, como a de alimentação”, disse.

Conforme dados da Semed, são feitas, aproximadamente, 83.920 refeições por dia, isso nas escolas urbanas, como é o caso da Fauze Scaff, que tem apenas uma refeição por turno escolar. “Já nas Emeis (Escolas Municipais de Educação Infantil), onde são realizadas quatro refeições, as crianças recebem até a janta, e o total diário passa das 76 mil refeições. Em toda a rede municipal são aproximadamente 185 mil refeições por dia”, contabilizou a nutricionista.

Na Favela Morro do Mandella, na Capital, onde famílias vivem em situação de vulnerabilidade, a merenda escolar só não é a única refeição das crianças porque a comunidade se ajuda, segundo Gil-

vana Mara, 46 anos, que mora com mais seis pessoas, dois adultos e quatro crianças, em um dos barracos. “Não chega ao ponto da criança comer apenas na escola, porque um vai ajudando o outro aqui. Mas ajuda porque a gente sabe

que elas se alimentaram na escola”, disse.

A líder da comunidade, Greiele Naiara, 27 anos, reforçou que não deixa que as famílias cheguem ao ponto de os filhos terem apenas a refeição da escola como alimento. “Eu

corro atrás de ajuda para que isso não ocorra. Aos sábados, mesmo, pela manhã, a gente distribui pão, em média 400 unidades e ainda 200 marmitas, onde são priorizadas as crianças, gestantes, idosos e morador de rua”, ressaltou.

Pesquisa

Uma pesquisa da FGV Social (Fundação Getulio Vargas), com base em dados do instituto Gallup, revela que, no ano passado, a insegurança alimentar atingiu 36% da população brasileira. Os dados do país são superiores à média global, que ficou em 35%. O percentual de pessoas que tiveram o acesso e a disponibilidade aos alimentos com escassez vem crescendo com o passar

dos anos.

Conforme a pesquisa, a parcela de brasileiros que não teve dinheiro para alimentar a si ou a sua família subiu de 30% em 2019 para 36% em 2021. Entre a população mais pobre do Brasil, em torno de 20%, o aumento da insegurança alimentar, durante a pandemia, foi de 22%, saindo de 53% em 2019 chegando a 75% em 2021. Já os 20% mais ricos experimentaram queda

de insegurança alimentar de três pontos percentuais, 10% para 7%.

Em relação ao gênero, quase metade das mulheres brasileiras (47%) não teve condições de dar comida aos seus filhos no ano passado. Em 2019, o percentual era de 33%. A média global em 2021 estava em 37%. Já entre os homens, o percentual caiu de 27% para 26% de 2019 a 2021. A média global foi de 33%.

SERVIÇO: Quem quiser ajudar os moradores do Morro do Mandella pode entrar em contato com a líder Greiele por meio do telefone (67)99346-7696.